

# A Igreja como mistério: perspectivas ecumênicas das *Notae Ecclesiae*

Marcelo Batalioto\*

Luiz Gustavo Uchoa da Silva\*\*

**Resumo:** Com base no conceito eclesiológico de mistério (mysterium), extraído do primeiro capítulo da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, desenvolveremos neste artigo a crítica sobre a complexa natureza da Igreja enquanto intimamente relacionada à plenitude do Mistério de Cristo. Ressaltaremos assim a realidade dialética – histórico-escolatológica – presente na Igreja, tendo em vista a tensão, por exemplo, constatável nas notas Una, Santa, Católica e Apostólica, que por um lado são sinais da concretude da Igreja, e por outro, mostram-se ainda como devir escolatológico. Neste sentido, discorreremos em perspectiva ecumênica sobre as *notae ecclesiae* que são sinais da Igreja de Cristo. Consequentemente, falaremos sobre o mistério da comunhão trinitária como referencial de Unidade e a Santidade enquanto participação de todos os batizados no único Corpo de Cristo. Desenvolve-se, em seguida, a reflexão sobre a Catholicidade que se exprime como plenitude da graça na Igreja e a Apostolicidade qual decorrência da herança da fé apostólica e a atual missão de cada cristão. Em perfeita sintonia com o decreto *Unitatis Redintegratio*, afirma o Papa Francisco, “o ecumenismo é um bem para família humana”, logo, conclui-se que tal esforço de buscar meios que aproximam e promovem o encontro entre cristãos favorece a unidade almejada pelo próprio Senhor (cf. Jo 17,21). Nesta busca a Igreja realiza-se como sinal salvífico que começa na história, sinalizando o Mistério de Cristo.

**Palavras-chave:** Igreja-mistério. *Notae Ecclesiae*. Ecumenismo.

**Abstract:** Departing from the ecclesiological concept of mystery (mysterium), as we find it in the first chapter of the Dogmatic Constitution *Lumen Gentium*, the paper develops a critic about the complex nature of the Church while intimately related to the fullness of the Mystery of Christ. The author stresses the dialectic reality – historic-eschatological – present in the Church, conscious of the tension, for instance, verifiable in the notes One, Holy, Catholic and Apostolic, which from one side are signals of the concreteness of the Church and, from the other side, are shown as an eschatological future. In this sense, the *Notae Ecclesiae*, which are signs of the Church of Christ, are studied in an ecumenical perspective. Accordingly, the mystery of the trinitarian communion is spoken of as a referent of Unity and Sanctity as the participation of all of the baptized in the only Body of Christ. Then is developed the reflection about Catholicity, which is expressed as the fullness of grace in the Church, and about Apostolicity, as resulting from the heritage of the apostolic faith and the present mission of every Christian. In perfect syntony with the decree *Unitatis Redintegratio*, pope Francis asserts: “Ecumenism is a good for the human family”. Consequently, such an effort to look for means that approach and promote the encounter among Christian people favors the unity desired by the Lord himself (John 17,21). In this quest, the Church becomes really the saving sign that begins in history, signaling the Mystery of Christ.

**Key-words:** Church-mystery. *Notae Ecclesiae*. Ecumenism.

\* Doutor (2015) e Mestre (2010) em Teologia pela PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ. Professor na Faculdade Dehoniana de Taubaté, SP.

\*\* Graduado em Filosofia pela Universidade Salesiana (UNISAL). Graduado em Teologia pela Faculdade Dehoniana. Pós-graduando em Teologia Contemporânea pela Claretiano Rede de Educação. Professor de Liturgia no Curso de Extensão em Teologia para Leigos da UNISAL/Lorena.



## Introdução

A partir de um enfoque eclesiológico ecumênico, abordaremos neste artigo a complexidade da Igreja, que em sua natureza possui características transcendentais e imanentes. Neste sentido, falamos dos elementos da Igreja enquanto mistério, correlacionados àqueles que são históricos e concomitantemente escatológicos, isto é, ressaltamos a realidade dialética presente na natureza da Igreja, que por sua vez está intimamente relacionada à plenitude do mistério de Cristo. Com efeito, a Igreja que caminha como peregrina na história, não está pronta, mas busca a plenitude. Por isso, aquilo que já é definitivo em Deus – a salvação e tudo que ela representa na história – pode ser confirmado pelo testemunho da Igreja, sacramento (*mysterium*) de salvação.

Existe uma tensão, por exemplo, constatável nas propriedades Una, Santa, Católica e Apostólica, que por um lado são sinais da concretude da Igreja na economia salvífica, e por outro lado, mostram que ainda estão por realizar-se na plenitude escatológica. Nos quatro tópicos a seguir desenvolveremos uma reflexão sobre as quatro *notae ecclesiae*, refletindo sobre a especificidade ecumênica das mesmas, pois estas qualidades dizem respeito à essência da Igreja. Portanto, a partir destas poderemos compreender a dimensão histórica (visível) e a dimensão escatológica, isto é, o devir para a Igreja que, todavia, já é certeza em Cristo, que em seu agir revelou a plenitude destas propriedades. Assim, a Igreja configura-se ao seu Senhor na historicidade, a fim de testemunhar aos homens as realidades invisíveis que existem no horizonte da salvação.

Em todo o trabalho transcorre uma preocupação ecumênica, fundamentada no ensinamento eclesiológico do Concílio Vaticano II. Apontados os elementos patrísticos, bíblicos e litúrgicos que permitem melhor compreensão da Igreja como Mistério abre-se espaço para esta reflexão justificada no intuito de estimular o diálogo, cooperação e comunhão entre os cristãos. Tais considerações favorecem a fundamental percepção da Igreja enquanto sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano (LG, 1).

### 1 Mistério da comunhão trinitária como referencial de Unidade

Refletindo sobre a eclesiologia desenvolvida no contexto posterior ao Concílio Vaticano II, torna-se imprescindível tomar a Constituição



Dogmática *Lumen Gentium* como marco referencial. Esta ganha singular relevância pelo momento histórico celebrativo em que nos encontramos, pois, há cinquenta anos deu-se por encerrado os trabalhos do memorável Concílio (1962-1965). Além disso, faz-se necessário abordar também uma eclesiologia ecumênica<sup>1</sup> que permita melhor compreender as propriedades da Igreja, pressupondo uma correta eclesiologia, conforme orienta o Decreto *Unitatis Redintegratio*.

Uma eclesiologia católica aberta para o ecumenismo “não é um rompimento com a tradição no sentido teológico da palavra, mas é certamente uma modificação intencional das tradições individuais, que, em sua maioria, são relativamente recentes”<sup>2</sup>. Ao versarmos sobre as propriedades da Igreja em perspectiva ecumênica queremos reconhecer a comunhão estabelecida por meio destes dons entre o próprio Cristo e Sua Igreja. Ainda que haja diversidade no entendimento destas propriedades (*notae ecclesiae*), há uma comum compreensão de que todas tratam da íntima união entre o mistério de Cristo e a Igreja.

Na dialética de comunhão e mistério, enquanto sujeito histórico e escatológico, há uma tensão que caracteriza o Povo de Deus. “A Igreja Católica é mistério não só enquanto objeto de fé teológica, ultrapassando na sua apreensão os limites da razão natural, bem como enquanto o termo mistério significa a realização histórica do plano da salvação”<sup>3</sup>. O mistério da comunhão trinitária é central na Igreja. A unidade dos cristãos encontra seu fundamento na comunhão com Deus, pois esta possui dimensão teológica e social. A Trindade nos mostra que as diferenças podem subsistir na Unidade.

## 2 Santidade: um só Corpo em Cristo e a santidade pelo Espírito

A Igreja Una – ícone da Trindade – é também adornada com a Santidade. O povo de Deus que caminha como peregrino na história dá testemunho desta santidade que emana do próprio Deus. Entretanto, em vista de sua índole escatológica “a Igreja, à qual todos somos chamados em Jesus Cristo e na qual, pela graça de Deus, adquirimos a santidade, só será consumada na glória celeste quando chegar o tempo da restauração

<sup>1</sup> WOLFF, E. *A unidade da Igreja*, 2007, p. 10.

<sup>2</sup> KASPER, W. *Que todas sejam uma*, 2008, p. 20.

<sup>3</sup> MOURA, O. Eclesiologia e ecumenismo, in *Communio*, v. 3, n. 16, p. 335-8, 1984, p. 335.



de todas as coisas” (LG, 48). Para melhor compreender tal propriedade da Igreja, devemos ressaltar que “santa foi o primeiro atributo que se uniu ao termo Igreja”<sup>4</sup>. Desde cedo o mistério da santidade da Igreja foi afirmado com base na Palavra de Deus (Escritura e Tradição).

Neste sentido, há uma estreita correlação entre o atributo de “santidade” aplicado a Deus, como também àquele da própria Igreja, pois, como verifica-se na Escritura “o povo de Deus é santo, constitui uma nação santa (Ex 19,6), porque é de Deus ou para Deus”<sup>5</sup>. As afirmações que são transferidas para a Igreja (realidades santas) são dadas em virtude de Deus que vem ao encontro dos homens e santifica-os. No período da Patrística, ainda no II século, já constatamos o atributo da santidade aplicado à Igreja. No Pastor de Hermas, lemos a seguinte descrição sobre a Igreja: “O Deus das potestades, aquele que com seu poder invisível e superior e grande inteligência criou o mundo; [...] por sua sabedoria e providência criou a *santa Igreja* e também a abençoou”<sup>6</sup>.

A Santa Igreja – criada e abençoada por Deus – conta com o auxílio da graça; o próprio Espírito atua de maneira eficaz para que ela cumpra sua missão. Por isso, os batizados que formam o Corpo de Cristo, vivificado e santificado pelo Espírito, são chamados a anunciar Jesus Cristo entre todos os povos, cumprindo assim seu mandato missionário (cf. Mt 28, 19-20). Deste modo, pode-se afirmar uma ação trinitária no agir e existir da Igreja, pois, “a continuidade entre Jesus Cristo e a Igreja não é direta, mas ‘mediada’ e garantida pelo Espírito Santo, que, enquanto Espírito de Jesus, opera para instaurar na Igreja o reino de Jesus Cristo, que se realiza na busca da vontade do Pai”<sup>7</sup>.

O mistério da Igreja deriva do mistério de Cristo. Entretanto, para a Igreja há uma tensão enquanto sujeito histórico que busca sua plenitude. Nisto consiste sua índole escatológica. Neste processo ela necessita de contínua purificação, pois, “a Igreja peregrina é chamada por Cristo a essa reforma perene, de que ela própria, como instituição humana e terrena, necessita perpetuamente” (UR, 6). Em Cristo, pelo Espírito, a Igreja já participa do desígnio salvífico do Pai, e ela realiza-se no mundo

<sup>4</sup> FEINER, J. *et alii*, *Mysterium Salutis*, v. IV/3, 1976, p. 92.

<sup>5</sup> *Idem*, p. 93.

<sup>6</sup> PASTOR DE HERMAS, III, 3.

<sup>7</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL (CTI), *Temas escolhidos de eclesiologia*, in *SEDOC*, v. 18, n. 190, 1986, p. 932.



como sacramento universal de salvação, pois, “possui já na terra uma santidade verdadeira, embora imperfeita” (LG, 48).

### 3 Catolicidade como plenitude da graça da Igreja

O termo católico aplicado neste contexto eclesial, isto é, enquanto nota da Igreja, surge no segundo século do período patrístico<sup>8</sup>. Já naqueles textos dos Santos Padres existia um duplo valor no significado e aplicação do termo *καθολικος* (universalidade e autenticidade<sup>9</sup>). Há ainda hoje discussões sobre o duplo valor da expressão Igreja Católica, pois nota-se que não significa somente um valor de totalidade, mas, além disso, um valor de verdade e autenticidade. Todavia, esta dupla interpretação não demanda eliminação de um sentido. Antes, ambos são necessários para a compreensão da plenitude da graça na Igreja.

Frequentemente falamos da catolicidade no sentido de Igreja universal, como Igreja aberta à missão *ad gentes*, existente e expandindo-se a todos os confins da terra. Sobre esta dimensão de universalidade, afirma o Concílio Vaticano II: “Todos os homens, portanto, são chamados a esta universalidade católica do Povo de Deus, que prefigura e promove a paz universal, à qual, embora de maneira diferente, pertencem ou para a qual se orientam tanto os católicos como todos os cristãos, e mesmo todos os homens em geral, chamados pela graça de Deus à salvação” (LG, 13).

Portanto, vale ressaltar que o “Vaticano II uniu a afirmação da catolicidade da Igreja com a da sua missão”<sup>10</sup>. Algo que faz todo sentido, posto que, pelo ardor missionário intrínseco à natureza da Igreja, desde os primórdios ela expandiu-se pelo mundo anunciando a Boa nova de Jesus Cristo. A partir da diversidade dos povos, graças à ação do Espírito “a catolicidade assume as particularidades sem destruí-las; a catolicidade é, pois, mais do que a extensão indefinida de uma unidade monista; é a assunção dos frutos da pluralidade dos indivíduos pelo caminho da comunhão”<sup>11</sup>.

Ao indicar este qualitativo de fidelidade à totalidade (*fides catholica*), percebemos que “a catolicidade passa pelo testemunho de como se

<sup>8</sup> FEINER, J. *et alii*, in *Mysterium Salutis*, v. IV/3, 1976, p. 110.

<sup>9</sup> PIÉ-NINOT, S. *Introdução à eclesiologia*, 1998, p. 82.

<sup>10</sup> PIÉ-NINOT, S. *Introdução à eclesiologia*, 1998, p. 83.

<sup>11</sup> FEINER, J. *et alii*, in *Mysterium Salutis*, v. IV/3, 1976, p. 120.



pode viver em comunhão, respeitando a pluralidade de culturas, tradições e línguas. É o que subjaz à ideia da Igreja como ‘nova humanidade’, comunidade aberta com pretensões universais. A partir dos traços característicos de cada cultura, é possível ser cristão sem que a fé anule as construções socioculturais<sup>12</sup>. A autenticidade da Igreja é constatada pela plenitude da fé, vivida primeiramente na comunhão com Cristo. Aliás, “a catolicidade pertence a Cristo. A Igreja, no sentido da única Igreja de Cristo, participa do pleroma de Cristo e é católica, mas ainda está em fase de evolução histórica, rumo à consumação<sup>13</sup>”.

É fundamental compreender que a catolicidade é algo indispensável ao povo de Deus. “A plenitude de Cristo se comunica a toda natureza humana. Os indivíduos, com seus sentimentos e valores, grupos étnicos, linguísticos e culturais são criadores e sujeitos de valores, constituindo uma totalidade pela comunhão (*koinonia*). A humanidade é cósmica, isto é, ligada ao universo total, e histórica, enquanto perpétuo dinamismo de busca e realização. Assim, Cristo plenifica o cosmo e a história por meio da Igreja Católica<sup>14</sup>. Portanto, a Igreja é chamada à totalidade.

Ela deve manifestar a plenitude recebida de Cristo, e assim, enquanto sacramento universal de salvação deve conduzir todos os homens à unidade, revelando ao mundo o mistério de Cristo. É preciso que mesmo entre os cristãos haja uma superação das divisões, pois estas “impedem a Igreja de realizar a plenitude de catolicidade que lhe é própria naqueles filhos que, embora incorporados pelo Batismo, estão separados da sua plena comunhão. E até para a própria Igreja se torna mais difícil exprimir [...] sua plena catolicidade” (UR, 4).

#### 4 Apostolicidade: fé apostólica e missão atual

Refletiremos neste tópico a nota da apostolicidade que, como as demais, emana da natureza da própria Igreja. “A apostolicidade é a propriedade mercê da qual a Igreja conserva através dos tempos a identidade de seus princípios de unidade como os recebeu de Cristo na pessoa dos apóstolos<sup>15</sup>. Portanto, em íntima relação com as outras notas,

<sup>12</sup> ESTRADA, J.A. *Para compreender como surgiu a Igreja*, 2005, p. 285.

<sup>13</sup> WOLFF, E. *A unidade da Igreja*, 2007, p. 152.

<sup>14</sup> HACKMANN, G.L.B. Como reconhecer a verdadeira Igreja: breve estudo sobre as notas da Igreja, *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 24, n. 103, 1994, p. 62.

<sup>15</sup> FEINER, J. *et alii*, *Mysterium Salutis*, v. IV/3, 1976, p. 157.



podemos afirmar que cremos na Igreja apostólica, como a cremos una, santa e católica. A apostolicidade, por conseguinte, diz respeito à vida da comunidade cristã, é atributo essencial da Igreja.

Podemos afirmar que “da mesma forma que o povo de Israel era como a posteridade, a expansão e a multiplicação dos doze filhos de Jacó, assim também a Igreja, novo Israel, novo povo de Deus, outra coisa não era senão a posteridade e o desenvolvimento dos doze apóstolos”<sup>16</sup>. Há nesta noção bíblica uma orientação quanto ao cumprimento histórico, a partir de um sinal escatológico, daquele simbólico Israel que exprime a abrangência do Povo de Deus. Portanto, os Doze “representam as doze tribos, são o início e o centro de expansão de um Israel renovado, escatológico”<sup>17</sup>.

Noutras palavras, na história da salvação, a fé e a missão transmitidas pelos apóstolos apontam, ainda hoje, para a fé e missão de toda a comunidade cristã. A Igreja transmite o que recebeu dos apóstolos, e proclama o Evangelho ao mundo até que se realize plenamente a unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade com o advento do Reino de Deus. Com efeito, “desde o seu aparecimento na história, o novo povo de Deus apresenta-se estruturado ao redor dos pastores que o próprio Jesus Cristo tinha escolhido para ele, constituindo-os seus apóstolos (Mt 10,1-42), e colocando Pedro como guia (Jo 21, 15-17)”<sup>18</sup>.

A experiência que os apóstolos tiveram com Jesus de Nazaré fez deles como que fundamentos definitivos para confissão da vida, morte e ressurreição do Cristo. Seu testemunho e anúncio, bem como a fundação das primeiras Igrejas, caracterizam sua missão única e irrepetível. A partir da fé apostólica – “rocha que fundamenta a construção da comunidade de fé (Mt 7,24-25; 16,16; Lc 9,20)” (LG, 24) –, deve se transmitir e tornar sempre atual a Boa Nova. Na dinâmica do anúncio, aqueles que foram enviados também enviaram outros depois de si.

Esta missão deve perdurar ao longo dos séculos, tornando presente assim a mensagem de Jesus Cristo na história. “Se a missão se limitasse à pessoa dos apóstolos, nem nós sequer deveríamos batizar”<sup>19</sup>. Cada cristão tem parte, portanto, na apostolicidade da Igreja. Deve-se reconhecer ainda

<sup>16</sup> *Ibidem*.

<sup>17</sup> LOHFINK, G. *Deus precisa da Igreja?*, 2008, p. 231.

<sup>18</sup> CTI, Temas escolhidos de eclesiologia, in *SEDOC*, v. 18, n. 190, p. 944-945.

<sup>19</sup> FEINER, J. *et alii*, *Mysterium Salutis*, v. IV/3, 1976, p. 183.



que “por instituição divina, os bispos sucederam os apóstolos como pastores da Igreja: quem os ouve, ouve a Cristo; quem os despreza, despreza a Cristo e àquele que o enviou (cf. Lc 10,16)” (LG, 20).

Contudo, todos têm parte no Corpo de Cristo, de tal modo que “o apostolado é exercido na fé, na esperança e na caridade que o Espírito Santo difunde nos corações de todos os membros da Igreja. Mais ainda, pelo preceito da caridade, que é o maior mandamento do Senhor, todos os fiéis são compelidos a procurar a glória de Deus” (AA, 3). Deste modo, na Igreja cada membro tem sua importância na missão, tantos os pastores com “o poder de ensinar todas as gentes, de santificar os homens na verdade e de os apascentar” (CD, 2), como também os fiéis leigos que “são deputados pelo próprio Senhor para o apostolado” (AA, 3).

Movidos pela fé no Cristo Ressuscitado, conforme o testemunho apostólico, todos os cristãos são chamados a viver de acordo com Evangelho, de tal modo que “levados pelo desejo de união com Cristo, são mais compelidos a buscarem a unidade, bem como a darem em toda parte e diante de todos o testemunho da sua fé” (UR, 20). Com efeito, a fé da Igreja será sempre a fé dos apóstolos ou não será autêntica, as deliberações dos apóstolos são entendidas como paradigmáticas. “A comunhão com Deus realiza-se por meio de Jesus Cristo; a comunhão com Jesus Cristo, por meio dos apóstolos (1Jo 1,1ss): daí a comunicação de missão”<sup>20</sup>, que diz respeito a todo membro da comunidade cristã.

## Conclusão

Apesar das diferenças de organização e interpretação que resultam em diferentes expressões históricas, parte da vocação apostólica também se manifesta como permanência na unidade deseja por Cristo: “Que todos sejam um para que o mundo creia” (Jo 17,21). Por conseguinte, a cooperação de todos cristãos no caminho da unidade é um dever. A unidade é uma meta a ser alcançada pela graça do Espírito, e a ser testemunhada na experiência cristã cotidiana, afim de que o anúncio tenha credibilidade. A comunhão de fé em Cristo e a vivência evangélica deve fundamentar a consciência do ser Igreja, assim, reconciliados por Cristo com Deus e entre os irmãos formamos um só Corpo.

<sup>20</sup> FEINER, J. *et alii*, *Mysterium Salutis*, v. IV/3, 1976, p. 184.



O conteúdo da fé da Igreja transcende a própria Igreja. Este elemento misterioso da Igreja de Cristo a coloca como manifestação histórica do reino de Deus, posto que é “na terra o germe e o início deste reino” (LG, 5). Na busca da plena comunhão com Deus a Igreja dialoga, isto lhe é algo constitutivo. Na abertura e cooperação com o outro se abre espaço para a diversidade de dons e ministérios que são suscitados pelo Espírito. Deste modo, a Igreja cumpre na história sua missão de pregar a Boa Nova, até que seja plenamente realizada em sua unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade.

Por fim, ao desenvolvermos este trabalho quisemos apontar apenas alguns elementos do mistério da Igreja, que, como mencionado anteriormente, só pode ser compreendida a partir do mistério de Jesus Cristo. A Igreja que caminha para plenificação, quando “Cristo será tudo em todos” (Col 3,11), de modo sacramental anuncia o Evangelho, suas frágeis estruturas visíveis são instrumentos da grandeza inexprimível da Trindade.

A relevância deste tema da “Igreja como Mistério” se traduz, de fato, a partir das dimensões teológica, pastoral e espiritual. Urge o empenho ecumênico para que o Reino de Deus seja manifesto entre homens por meio, particularmente, da unidade dos cristãos. As divisões são causa de escândalo, inviabilizam o anúncio do Evangelho. Quisemos com este trabalho refletir maneiras de aproximação a partir do diálogo e favorecer compreensões que beneficiem consensos. Portanto, a misericórdia se expressa nestes termos como “fermento da paz” (EG, 246), pois nesta busca da unidade dos cristãos ela emerge como sinal de uma realidade salvífica que começa na história.

## Referências Bibliográficas

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG) sobre a Igreja**. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Decreto *Apostolicam Actuositatem* (AA) sobre o apostolado dos leigos**. Documentos do Concílio Vaticano II. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Decreto *Christus Dominus* (CD) sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja**. Documentos do Concílio Vaticano II. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007.



\_\_\_\_\_. **Decreto *Unitatis Redintegratio* (UR) sobre o ecumenismo.** Documentos do Concílio Vaticano II. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

ESTRADA, Juan Antonio. **Para compreender como surgiu a Igreja.** São Paulo: Paulinas, 2005.

FEINER, Johannes *et alii*. ***Mysterium Salutis***: Compêndio de dogmática Histórico-Salvífica. Petrópolis: Vozes, 1972. (v. II/1)

\_\_\_\_\_. ***Mysterium Salutis***: Compêndio de dogmática Histórico-Salvífica. Petrópolis: Vozes, 1976. (v. IV/1)

FRANCISCO. ***Evangelii Gaudium* (EG): A alegria do evangelho.** São Paulo: Paulus, 2013.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. Como reconhecer a verdadeira Igreja: breve estudo sobre as notas da Igreja. **Teocomunicação** 103 (1994), Porto Alegre, p. 47-68.

KASPER, Walter. **Que todas sejam uma: O chamado à unidade hoje.** São Paulo: Loyola, 2008.

KEHL, Medard. **A Igreja: Uma eclesiologia católica.** São Paulo: Loyola, 1997.

LOHFINK, Gerhard. **Deus precisa da Igreja?** São Paulo: Loyola, 2008.

MOURA, Odilão. Eclesiologia e ecumenismo. **Communio** 16 (1984), Rio de Janeiro, p. 335-338.

PASTOR DE HERMAS. ***In Sources chrétiennes***: Le pasteur. 2 ed. Paris: Du Cerf, 1968. (*Sources chrétiennes*; 53)

PIÉ-NINOT, Salvador. **Introdução à eclesiologia.** São Paulo: Loyola, 1998.

SEDOC. Comissão Teológica Internacional: Temas escolhidos de eclesiologia. **In SEDOC – Serviço de Documentação** 190 (1986), Petrópolis, p. 921-966.

WOLFF, Elias. **A unidade da Igreja: Ensaio de eclesiologia ecumênica.** São Paulo: Paulus, 2007.

*E-mails dos autores:*

batalioto@uol.com.br batalioto@uol.com.br

sem.gustavouchoa@gmail.com